

A disseminação da masculinidade tóxica em obras cinematográficas

Maria Isadora Silva Cavalcante¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras

Professor Orientador: Jordan Oliveira Silva²

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar em algumas obras cinematográficas selecionadas a serem discutidas, as características de personagens masculinos protagonistas com comportamento tóxico (intolerante, racista, machista, agressivo, entre outras características). Mais especificamente, será analisada temática, autoria, o ponto de vista, a linguagem utilizada e a formação de um público, além de como esses comportamentos tóxicos masculinos refletem nos espectadores, que acabam seguindo/admirando esses homens como um modelo. A primeira obra escolhida para análise foi o drama *500 Dias com Ela* (Mark Webber, 2009), romance com impacto na cultura pop teen até hoje, cujo o personagem principal Tom, foge do conceito dos padrões hegemônicos, demonstrando de maneira sutil seus comportamentos masculinos tóxicos nas relações e cotidiano. Com base nos aportes teóricos e análise das cenas e roteiro, o personagem foi destrinchado na primeira análise feita no projeto. O segundo filme escolhido para análise foi *Taxi Driver* (1976), drama dirigido por Martin Scorsese, cujo o protagonista Travis Bickle é um personagem extremamente problemático e que nos mostra como a disseminação de homens tóxicos no cinema vem desde sempre, deixando de ser algo explícito para algo sutil na atualidade. Trata-se de uma pesquisa caracterizada como análise bibliográfica, transdisciplinar, sendo feitos estudos na área da teoria literária, bem como no campo dos estudos da sociologia. Considerando que essas discussões não encontram espaço no currículo escolar, faz-se relevante a compreensão da produção cultural que mais atinge os

¹ Estudante do 2º ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Eletromecânica- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras
mariaisadora@acad.ifma.edu.br

² Professor Mestre – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras
jordan.oliveira@ifma.edu.br

jovens em idade escolar, uma vez que contribui para observar diferentes manifestações estéticas e narrativa

Palavras-chave: Masculinidade tóxica. Cinema. Masculinidade hegemônica. Análise fílmica.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

1. INTRODUÇÃO

Observando o cenário cinematográfico e suas influências na cultura popular dos que consomem, é possível detectar algumas problemáticas em filmes que passam, de antemão, despercebidas, como é o exemplo da masculinidade tóxica. Segundo Maghfiroh (2017), a masculinidade tóxica se trata de uma imposição do padrão heteronormativo e patriarcal aos homens, que devem seguir e reproduzir esses comportamentos que o impuseram. Esse padrão de masculinidade a ser seguido, é o da masculinidade hegemônica.

Connell (1995) explica os quatro padrões de masculinidades construídos pela sociedade: a masculinidade hegemônica, que ocupa o topo das masculinidades, a cúmplice, a masculinidade subordinada e a marginalizada. A masculinidade hegemônica trata de reforçar o patriarcado através da subordinação de mulheres e das outras masculinidades citadas anteriormente.

A masculinidade hegemônica pode ser definida como uma configuração da prática de gênero que incorpora a resposta comumente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é tomado para garantir) a posição dominante dos homens e subordinação das mulheres (CONNELL, 1995, p.12)

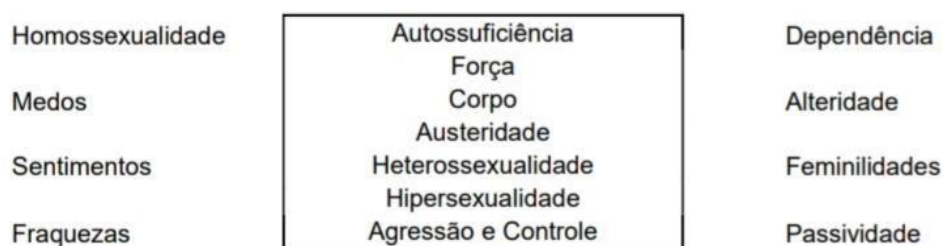
A masculinidade hegemônica segue o padrão do homem heterossexual, branco, de sucesso, másculo, rico e pai de família. Connell (1995) afirma que os homens encaixados nesse padrão têm a necessidade de se reafirmarem na própria posição a todo

momento, é nesse ponto que a masculinidade se torna tóxica, quando os seres que estão nela e os de outras masculinidades precisam reprimir o que não se adequa ao estereótipo,

A masculinidade cúmplice se assemelha à hegemônica, mas seu principal pilar é a subordinação das mulheres, não se encaixando completamente nos padrões da hegemônica. A terceira masculinidade, segundo Connell (1995), é a subordinada, trata-se da masculinidade que sofre repressão geral da sociedade, sendo deslegitimada como masculinidade. Nela se inclui os homossexuais, nerds, gordos, e outros homens fora do padrão. A quarta e última masculinidade apontada por Connell (1995) é a masculinidade marginalizada, que leva fatores como raça e classe em consideração para os homens que estão nela.

O documentário *The mask you live in* (2015), mostra como a masculinidade hegemônica é imposta aos homens desde a infância, nos primeiros grupos sociais dos meninos (família e escola). Garotos que durante a infância foram humilhados e reprimidos para caberem na caixa da masculinidade (figura 1), tomam voz e se expressam no documentário de 1h37m. O documentário aponta como as mídias culturais, como é o exemplo das obras cinematográficas, são importantes na construção da masculinidade, fazendo garotos seguirem exemplos de homens agressivos, controladores, sexistas e, por fim, dando ênfase à masculinidade tóxica.

Figura 1. Fonte: Adaptado de *The man box: A study on being a young man in the U.S* (HEILMAN, BARKER, e HARRISON, 2017; tradução: Baptista, 2019)



Portanto, o presente estudo busca analisar e discutir a masculinidade tóxica presente e disseminada no cinema, utilizando de estudos como o de Connell (1995) e Maghfiroh (2017) para embasamento dos conceitos de masculinidade tóxica x hegemônica. O primeiro filme escolhido para o projeto foi o romance estadunidense *500 Dias com Ela* (2009), principal material de estudo nessa parte da pesquisa, onde

analisamos o personagem Tom, personagem persuadido pela masculinidade tóxica e que reproduzia comportamentos tóxicos devido às pressões sociais e também internas. A segunda obra analisada no estudo é *Taxi Driver* (1976), drama da década de 70 que nos ajudará a comparar um personagem masculino tóxico de cinco décadas atrás com as representações tóxicas no cinema mais atual, como é o exemplo da masculinidade tóxica em *500 Dias com Ela*.

2. METODOLOGIA

Como dito antes, foram utilizados estudos sociais para base da construção da pesquisa. O estudo se iniciou com a leitura e apresentação da dissertação de pós-graduação *As Percepções De Professores Sobre As Influências Da Masculinidade Tóxica Nas Vivências Pessoais e Profissionais* (2019), de Rafael Ferraz Baptista, que ajudou a introduzir o conceito da masculinidade tóxica descrita por Connell (1995) e como ela afeta diversos setores na vida do homem.

Posteriormente, foram lidos dois artigos que abordavam o cinema e a representação de gênero e masculinidade nele: o trabalho *A Evidência da masculinidade-forjada em O Auto da Compadecida*⁹⁷ (2017), da mestrand Pollyane Belo, que discute e expõe a masculinidade tóxica escondida em personagens caracterizados por serem “cabra-macho”. O seguinte artigo estudado, *O Cinema Como Espaço Para Representações De Gênero, Classe e Raça* (2019), de Helder Felipe Souza Ferreira e Marília Gabriela De Araújo Sena, ajudou a entender problemáticas sociais nas obras cinematográficas, apresentando concepções da masculinidade como o de Maghfiroh (2017).

Por último, o documentário *The mask you live in* (2015), foi assistido e serviu de apoio pra entender a masculinidade tóxica como um problema que vem desde a infância e como ela é uma construção inteiramente social.

3. ANÁLISE FÍLMICA

O segundo filme escolhido, *Taxi Driver* (1976), trata-se da vivência de Travis, um ex-fuzileiro da guerra do Vietnã que sofre de insônia e por isso decide trabalhar como taxista na noite de Nova Iorque. Travis é um homem que se encaixa nos moldes da masculinidade cúmplice e, assim como o personagem da primeira análise da pesquisa,

Tom Hansen, o taxista é um homem frustrado profissionalmente e amorosamente, sofrendo rejeições das mulheres e com um emprego insalubre.

O ciclo de amigos de Travis se baseia nos colegas de trabalho, que são carregados de preconceitos e atitudes misóginas e racistas, reforçando a subordinação do grupo hegemônico/cúmplice sobre as mulheres e sobre homens de masculinidade subordinada e/ou marginalizada (Connel, 1995).

Figura 2. Travis e seus amigos taxistas conversam numa lanchonete. Fonte: Taxi Driver (Martin Scorsese, 1976)



É perceptível durante todo o filme como o protagonista é influenciado pelo meio em que vive, presenciando atos de violência verbais, físicas e até sexuais todos os dias, o que torna Travis, um homem, até então calmo e pacato, num ser mais agressivo, que exprime suas frustrações através da violência.

Um dos fatos marcantes para Travis e que ajudou na construção do personagem é a rejeição que o mesmo sofre de Betsy, que trabalha num comitê de campanha eleitoral. O veterano de guerra fica obcecado pela mulher, que até chega a sair com Travis, mas logo depois corta qualquer contato com ele, após atitudes estranhas do personagem.

Figura 3. Travis invade o trabalho de Betsy para constrangê-la. Fonte: Taxi Driver (Martin Scorsese, 1976).



Travis reage de forma agressiva e desrespeitosa com Betsy, demonstrando sua imaturidade diante da rejeição de uma mulher. Na cena em questão (Figura 3), o protagonista invade o comitê onde Betsy trabalha e aos berros diz que à mesma irá para o inferno, subjugando Betsy como sendo parte da escória da sociedade, que é como Travis chama todos aqueles que ele acredita serem sujos e corruptos. Inclui nesse grupo os gays, as prostitutas, cafetões, entre outros.

Algumas tendências masculinas associadas à masculinidade tóxica incluem extrema competição e ganância, insensibilidade ou falta de consideração das experiências e sentimentos dos outros, uma forte necessidade de dominar e controlar os outros, uma incapacidade de nutrir sentimentos, um pavor de dependência, uma prontidão para recorrer à violência e a estigmatização e a subjugação das mulheres, gays e homens que apresentam características femininas. (KUPERS, 2005, p.717, tradução: Baptista, 2019).

Temos no segundo ato do filme Travis buscando melhorar seu físico, sua força e se tornando mais agressivo, com o intuito de se vingar de todos aqueles que julga serem “o lixo das ruas”. Essa construção de personagem é uma construção da caixa da masculinidade (figura 1) de Travis, que rejeita tudo aquilo que não é visto como masculino e como fragilidade e busca sua autoafirmação enquanto homem através dos estereótipos da masculinidade hegemônica (Connel, 1995).

Outras crenças e comportamentos relacionados à saúde que podem ser usados na demonstração da masculinidade hegemônica incluem a negação de fraqueza ou vulnerabilidade, controle emocional e físico, a aparência de ser forte e robusto, a rejeição de qualquer necessidade de ajuda, um interesse incessante por sexo., a exibição de comportamento agressivo e dominância física. (COURTENAY, 2000, p.1389, tradução: Baptista, 2019)

Figura 4. Travis treinando seu físico e também o uso de armas. Fonte: Filme *Taxi Driver* (Martin Scorsese, 1976)



No último ato da película, Travis arma uma vingança contra o cafetão que explorava sexualmente Íris, uma garota de 12 anos que certa vez entrou em seu táxi tentando fugir do cafetão. Após matar os donos do prostíbulo onde Íris se encontrava, Travis escapa ileso e sai da chacina como herói. O colapso mental do protagonista é visto com satisfação perante a sociedade. É através da extrema violência que Travis tem sua autoafirmação como homem e pessoa na sociedade.

4. RESULTADOS

A segunda parte da pesquisa, a análise do filme *Taxi Driver* (1976), serviu de complementação à primeira análise. Através da observação e estudo da obra mais antiga, pode-se perceber as correlações entre o primeiro personagem analisado, Tom Hansen, e Travis Bickle. Ambos são reféns e, posteriormente, os agressores da masculinidade tóxica. As consequências da masculinidade tóxica em *Taxi Driver* são mais explícitas, o que torna mais fácil a identificação das problemáticas no personagem e enxergá-lo como uma figura masculina tóxica. Afinal, na década de 70 não se abria discussões sobre os papéis da masculinidade na sociedade, sendo a toxicidade masculina algo fortemente disseminado nas obras cinematográficas.

Atualmente a masculinidade tóxica permanece sendo disseminada no cinema, como é o exemplo de Tom Hansen, o protagonista de *500 Dias com Ela* (2009), que possui características semelhantes a de Travis Bickle, mas com a sutileza necessária nos dias de hoje, onde temos maior consciência do público espectador. Apesar de personagens como o de *Taxi Driver* (1976) serem repudiados e identificados como tóxicos,

protagonistas como Tom, passam despercebidos com uma espécie de eufemismo da masculinidade tóxica, sendo exaltados na sociedade e servindo de exemplo e identificação para muitos homens.

5. CONCLUSÕES

O estudo nos mostra e esclarece as problemáticas em protagonistas masculinos, ajudando a discernir comportamentos tóxicos e não tóxicos em obras cinematográficas da atualidade. Através das leituras realizadas, é possível entender o conceito da masculinidade tóxica e principalmente identificar os comportamentos reproduzidos por homens na sociedade e no cinema. Com base nisso conclui-se a primeira análise da pesquisa, a obra *500 Dias com Ela* (Mark Webb, 2009) nos mostra um exemplo cabível do estereótipo da masculinidade cúmplice apresentado por Connell (1995). Observando os comportamentos, falas e trejeitos do personagem, identificamos os conceitos da masculinidade tóxica no protagonista e como ela é velada durante o filme.

Na segunda parte da pesquisa correlaciona-se as paridades entre *Taxi Driver* (1976), uma obra mais antiga e com a masculinidade tóxica explícita, com a de filmes da atualidade, como é o caso de *500 Dias com Ela* (2009). Por meio da análise de comportamentos, falas e cenas, torna-se possível destacar a problemática estudada em ambos os personagens.

6. AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPEMA, que fomentou o presente projeto e possibilitou o estudo e análise de obras cinematográficas, abrindo espaço para discussões de impacto na sociedade e no cinema.

À minha instituição de ensino, IFMA – Campus Pedreiras, pelos incentivos à pesquisa.

Ao meu orientador, Jordan Oliveira da Silva, pelos ensinamentos cedidos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Rafael Ferraz. **As percepções de professores sobre as influências das masculinidades tóxicas nas vivências pessoais e profissionais.** 2019. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Profissional Em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2019.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito.** Ver. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, Abr 2013.

COURTENAY, W. H. **Constructions of masculinity and their influence on men's Well being: A theory of gender and health.** Social Science & Medicine, vol 50, 2000. Disponível em: <http://menshealth.org/code/SSM.PDF>

EVANS J., FRANK B., OLIFFE J.L., GREGORY D. **Health, Illness, Men and Masculinities (HIMM): a theoretical framework for understanding men and their Health.** J Men's Health, 2011.

HEILMAN, B., BARKER, G., & HARRISON, A. **The man box: A study on Being a young man in the U.S., U.K., and Mexico.** Washington, DC: Promundo-US and Unilever, 2017.

HORTON, P.; RYDSTROM, H. **Heterosexual Masculinity in Contemporary Society. Men And Masculinities,** [s.l.], v. 14, n. 5, p.542-564, 2011.

KUPERS, T. A. **Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in Prison. Journal Of Clinical Psychology,** [s.l.], v. 61, n. 6, p.713-724, 2005.

MAGHFIROH, Novani. **Toxic Masculinity as Depicted in Barry Jenkins's Moonlight. In Partial Fulfillment of the Requirements for the Bachelor Degree Majoring American Studies in English Department.** Faculty of Humanities Diponegoro University, 2017.